

VOZES RESISTENTES: MULHERES INDÍGENAS NA LITERATURA COMO ESPAÇO DE EMPODERAMENTO

RESISTANT VOICES: INDIGENOUS WOMEN IN THE LITERATURE AS A SPACE FOR EMPOWERMENT

Greicleide Rodrigues da Costa¹

 Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar- SEDUC/AM
 greicleiderodrigues5@gmail.com



Thaila Bastos da Fonseca²

 Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar- SEDUC/AM
 thailabastos@yahoo.com



RESUMO: Este estudo aborda o papel das mulheres indígenas na literatura contemporânea, com ênfase nas obras das autoras Márcia Kambeba e Sony Ferseck. A pesquisa analisa as opressões vivenciadas por essas mulheres em dimensões culturais e sociais. O referencial teórico de Graça Graúna (2013) e Truduá Dorrico (2018) fornece alicerces conceituais sólidos para esta análise, destacando a relevância da representação autêntica e da narrativa própria na literatura indígena. A metodologia adotada envolve a aplicação do conceito de escrevivência, termo cunhado pela escritora Conceição Evaristo, além de revisão bibliográfica e análise crítica das obras de Kambeba e Ferseck, visando compreender suas contribuições para a compreensão das vozes e experiências das mulheres indígenas. Os resultados revelam que as narrativas dessas autoras oferecem uma visão profunda e sensível da vida das mulheres indígenas contemporâneas, evidenciando sua resiliência, força e luta por justiça e igualdade. Os poemas analisados refletem a invisibilidade e o silenciamento enfrentados pelas mulheres indígenas, ao mesmo tempo em que celebram sua capacidade de resistência e transformação. Ambas as autoras proporcionam uma perspectiva singular das experiências e desafios enfrentados por suas comunidades, contribuindo significativamente para o corpus da literatura de Língua Portuguesa contemporânea. Por fim, esta pesquisa ressalta a importância de reconhecer, valorizar e preservar as narrativas das mulheres indígenas na literatura, não apenas como um registro cultural, mas como uma voz proeminente e necessária que ecoa através do tempo, demandando seu espaço e reconhecimento no cenário literário nacional e internacional.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres Indígenas; Literatura Contemporânea; Resistência; Márcia Kambeba; Sony Ferseck.

ABSTRACT: This study approaches the role of indigenous women in the contemporary literature, with an emphasis on the works of Márcia Kambeba and Sony Ferseck. The research analyses the oppressions experienced by these women in cultural and social dimensions. The theoretical reference of Graça Graúna (2013) and Truduá Dorrico (2018) provides the solid conceptual bases for this analysis, highlighting the relevance of an authentic representation and of the narrative that's proper of the indigenous literature. The methodology involved the application of the concept of *escrevivência* (writing experience), a term created by the writer Conceição Evaristo, and a bibliographical review and critical analysis of Kambeba and Gerseck works to understand their contributions to the comprehension of the voices and experiences of indigenous women. The results reveal that the narratives of these authors provide a deep and sensitive view about the life of contemporary indigenous women, evidencing their resilience, strength, and fight for justice and equality, including the fight against the violence that affects their bodies. The poems analyzed reflect the invisibility and the silencing these indigenous women face, while celebrating, at the same time, their capacity of resistance and transformation. Both authors provide a singular perspective about the experiences and challenges faced by their communities, significantly contributing to the literature corpus of the contemporary Portuguese Language. Finally, this research emphasizes the importance of recognizing, valuing and preserving the narratives of indigenous women in the literature, not only as a cultural record, but also as a prominent and necessary voice that echoes through time, requiring its space and recognition in the national and international literary scenario.

KEYWORDS: Comparative literature. Brazilian literature. Lesbian literature. Intertextuality.

REVISTA
Decifrar

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 13, Nº. 26 (Jan-Jun/2025)

Informações sobre os autores:

1 Mestranda em Ciências Humanas pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UEA), com foco em Teoria, História e Crítica da Cultura. Possui graduação em Licenciatura em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e é especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (UNIASSELVI). Atualmente, é professora efetiva de Língua Portuguesa e Literatura na educação básica pela SEDUC-AM.

2 Mestra em Ciências Humanas e Teoria, História e Crítica da Cultura pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UEA-2019). Graduação em Letras Língua-Inglesa pela Universidade do Estado do Amazonas e através do Programa de Formação de Professores (UEA-PARFOR-2018). Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas (2011), possui Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade do Estado do Amazonas (2015). É professora de Língua Inglesa na Escola Estadual Eduardo Sá (SEDUC/TEFE).



10.29281/rd.v13i26.16287

Fluxo de trabalho

Recebido: 17/10/2024

Aceito: 15/05/2025

Publicado: 16/04/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)

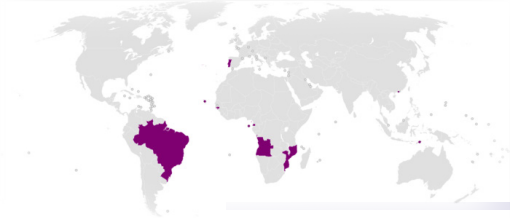


Este trabalho está licenciado sob uma licença:



Verificador de Plágio

Plagius



INTRODUÇÃO

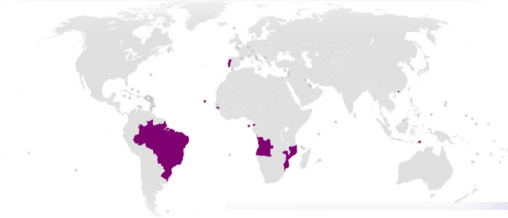
Este estudo observa o papel das mulheres indígenas na literatura contemporânea, focando nas obras das autoras Márcia Kambeba e Sony Ferseck. A pesquisa visa entender as opressões culturais e sociais enfrentadas por essas mulheres, utilizando o referencial teórico de Graça Graúna (2013) e Truduá Dorrico (2018). O conceito de escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo (2020), refere-se à escrita que emerge das vivências das mulheres negras, e aqui é expandida para incluir as experiências das mulheres indígenas na metodologia da pesquisa além de revisão bibliográfica. O estudo analisa criticamente as contribuições literárias de Kambeba e Ferseck para a compreensão das vozes e experiências das mulheres indígenas.

Serão analisados poemas específicos dessas autoras, como “Mulher Indígena e Resistência” de Kambeba, do livro *De almas e águas kunhãs* (2023), e “Nós mulheres invisíveis” de Ferseck, da obra *Movejo* (2020). A análise é fundamentada nos trabalhos de Graça Graúna (2013) e Truduá Dorrico (2018), que destacam a importância da representação e da narrativa própria na literatura indígena. Graúna (2013) enfatiza a necessidade de reconhecer a singularidade das narrativas indígenas, enquanto Dorrico (2018) aborda a complexidade das experiências vividas pelas mulheres indígenas. Esses alicerces teóricos são essenciais para compreender a profundidade e a importância das obras de Kambeba e Ferseck.

1 A POTÊNCIA NARRATIVA DA LITERATURA INDÍGENA

A representatividade das literaturas indígenas é fundamental para enriquecer o panorama cultural brasileiro e promover uma compreensão mais ampla da diversidade étnica e cultural do país. Segundo Graça Graúna (2013), incorporar essas literaturas, especialmente as produzidas por mulheres indígenas, fortalece a luta contra o racismo, o colonialismo e a exclusão social, dando voz e visibilidade às narrativas dos povos originários.

A literatura escrita por mulheres indígenas reflete as conquistas sociopolíticas do movimento indígena, especialmente no Brasil. O desenvolvimento dessa literatura está intimamente ligado à emergência e consolidação política do movimento indígena brasileiro, conforme discutido por Danner, Dorrico e Danner (2018). Esse movimento não só reivindica um espaço no cânone literário, mas também busca desvincular a literatura indígena de uma perspectiva eurocêntrica e excludente, que historicamente considerou a literatura uma arte exclusiva da Europa.



Segundo Daniel Munduruku (2012), o surgimento do movimento literário indígena representa a atualização das lutas ancestrais dos povos indígenas. A reivindicação do direito à literatura, especialmente por parte das mulheres indígenas, questiona a narrativa hegemônica que há muito tempo marginalizou as expressões literárias dos povos originários. Essa reivindicação vai além do reconhecimento da diversidade cultural, linguística e estética das produções indígenas, implicando uma ruptura com a visão eurocêntrica que moldou os parâmetros da literatura e da educação (Baniwa, 2019).

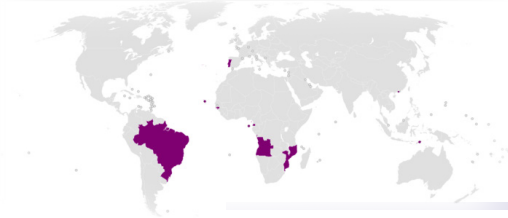
A compreensão de “literatura indígena” transcende a ideia de uma expressão artística singular, abrangendo um agrupamento de narrativas autênticas forjadas pelos sujeitos e grupos que se reconhecem como indígenas. Na literatura indígena brasileira, os escritores e escritoras empenham-se em esclarecer que a cultura indígena é formada por diferentes grupos com tradições e práticas diversas entre si. Eles reiteram que não são um monólito homogêneo e fenotípico que justifica o rótulo de índios do Brasil (Dorrico et al., 2018).

Embora o termo “literatura indígena” seja formulado no singular, ele engloba e valoriza a diversidade de experiências literárias presentes nos mais de 300 povos originários do Brasil. Cada obra é enraizada em línguas e culturas específicas, revelando uma potência narrativa central na literatura e em outros domínios, como artes plásticas, música, crítica literária e política. Ao empregar códigos culturais próprios, os escritores indígenas recontextualizam as representações históricas impostas por outros. Desde o século XIX, essas representações, responsáveis por consolidar no imaginário nacional brasileiro estereótipos negativos sobre os povos indígenas, podem ser reconfiguradas pelas mãos dos próprios autores indígenas (Dorrico et al., 2018).

Cada obra literária indígena representa um ato de resistência e um espaço de reafirmação identitária. Nessas páginas, as vozes historicamente subjugadas se mostram testemunhas ativas de uma rica herança cultural, rompendo com estereótipos e preconceitos do passado (Quijano, 1992). A literatura indígena contemporânea não é apenas uma expressão artística; é uma declaração ousada de existência e uma contribuição significativa para a construção de uma sociedade mais inclusiva, que valoriza e respeita as diversas vozes que compõem o tecido cultural brasileiro (Graúna, 2013).

A escrita indígena, especialmente a das mulheres, pode ser compreendida como uma forma poderosa de resistência e afirmação cultural, desempenhando um papel crucial na luta contra a marginalização e a violência historicamente sofridas. Neste contexto, o conceito de “máquina de guerra” de Deleuze e Guattari (2013), ao ser aplicado à literatura indígena feminina, atua como uma metáfora potente para entender como essas escritoras utilizam a palavra como um instrumento de luta e transformação social.

A máquina de guerra, conforme delineada por Gilles Deleuze e Félix Guattari em “Mil Platôs” (2013) não se refere à guerra convencional, mas a uma força criativa



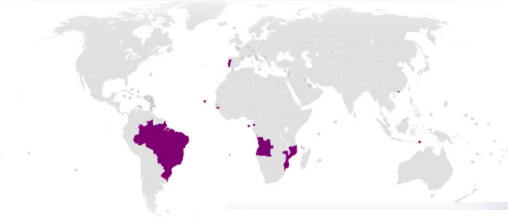
e subversiva que desafia e escapa às estruturas dominantes do Estado. Na literatura indígena feminina, esta máquina de guerra se manifesta por meio da escrita que desafia as narrativas coloniais e reivindica um espaço para as vozes indígenas no cenário literário e político contemporâneo. Márcia Kambeba, em seu artigo “O olhar da palavra: escrita de resistência” (2020), destaca a importância da escrita como um ato político e de resistência com a qual a literatura se torna um meio de educar, denunciar e anunciar novas formas de existência e resistência.

A escritora enfatiza que a escrita indígena serve como um registro de pensamento e uma estratégia de continuidade para as futuras gerações. Este aspecto de perpetuação da memória e cultura é fundamental, pois permite que as narrativas dos anciãos, muitas vezes guardadas na memória oral, sejam eternizadas em textos escritos. Este processo de escrita não apenas preserva a cultura indígena, mas também desafia a hegemonia cultural e linguística imposta pelo colonialismo. Ao trazer para o papel as histórias e saberes dos “troncos velhos” (2020, p.92), como Kambeba menciona, a escrita indígena torna-se uma ferramenta de resistência cultural e uma máquina de guerra literária que subverte e desafia as estruturas de poder estabelecidas.

A importância da escrita para as mulheres indígenas, como Márcia Kambeba e Sony Ferseck, reside também na sua capacidade de criar um espaço de visibilidade e voz para aquelas que foram historicamente silenciadas (Graúna, 2013). Estas escritoras não apenas narram suas experiências e tradições, mas também articulam uma crítica às injustiças e violências que seus povos enfrentam. A escrita, portanto, torna-se um ato de descolonização, em que o respeito pela natureza e pela coletividade são elementos centrais.

Dessa forma, a literatura indígena feminina pode ser vista como uma máquina de guerra no sentido de Deleuze e Guattari, pois ela fissa as estruturas dominantes, cria novas linhas de fuga e espaços de resistência, e promove uma visão de mundo alternativa baseada na solidariedade, no cuidado e no respeito mútuo. Este movimento literário não apenas preserva e celebra a identidade indígena, como também desafia as narrativas coloniais dominantes.

Desse modo, a escrita das mulheres indígenas, ao incorporar a filosofia da máquina de guerra, age como uma força subversiva que desestabiliza as estruturas de poder e reivindica um espaço legítimo para as vozes indígenas. Este processo de escrita e resistência é crucial para a descolonização da sociedade e para a construção de um futuro em que as culturas indígenas sejam reconhecidas e valorizadas.



2 A POESIA E ARTIVISMO DE MÁRCIA KAMBEBA

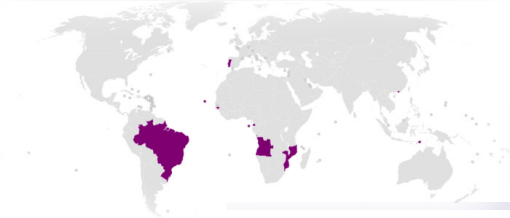
Nesse percurso de luta com a escrita literária, caracterizada por um compromisso engajado e provocador, é imprescindível reconhecer o relevante papel desempenhado por indígenas brasileiras como Márcia Wayna Kambeba. A escritora, por meio de suas expressões poéticas, busca resistir de forma dupla às violências associadas à condição de ser indígena e ser mulher. As poetisas indígenas se inserem em um processo de resistência por meio de sua escrita, de suas vozes, constituindo-se como protagonistas na cena literária contemporânea, com a qual empreendem esforços significativos para confrontar as tentativas de silenciamento das vozes das mulheres ameríndias.

No caso da poeta Márcia Kambeba, declaradamente atuante nas causas indígenas, autodenominando-se como uma “artista”, uma vez que entrelaça o ativismo com diversas manifestações artísticas como a literatura, a música, fotografia e outros, e cujas potências de engajamento têm repercutido nacional e internacionalmente.

Lançou seu primeiro livro, em 2013, “Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade”, inicialmente como um e-book e posteriormente publicado pela editora Pólen de São Paulo. No mesmo ano, lançou “O lugar do Saber”, uma coleção de poemas pela editora Casa Leiria. Já em 2020, publicou “Saberes da Floresta”, pela Editora Jandaíra de São Paulo. Em 2023 lançou o livro “De Almas e águas Kunhãs”, o livro é ilustrado com grafismos desenhados pela própria autora e conta com o prefácio da escritora e ativista indígena Eliane Potiguara.

Neste texto, nos concentraremos em “De almas e águas kunhãs” (2023), uma obra que revela uma emocionante expressão poética centrada no “lírico-político”. Este conceito encontra respaldo nas considerações de Truduá Dorrico (2017) sobre a complexa interação entre o indivíduo e a coletividade, transcendendo as fronteiras convencionais da autoria. Como destacado por Dorrico (2017), essa voz não é apenas uma expressão singular, mas uma representação densa e intrincada da experiência indígena, amalgamando o eu e o nós em um diálogo constante. Esta voz revela uma construção subjetiva na experiência da escrita, assim como na ideia de “auto-história” conforme definida por Graça Graúna (2013).

Ao adentrar as páginas deste livro de ensaios e poesias, a autora nos convida a sentir a “auto-história”, “as escrevivências” de uma mulher indígena, confrontada pelas forças hegemônicas e misóginas que a impulsionam a se narrar constantemente. Simultaneamente, ela delinea confrontos e hibridizações entre a cultura indígena e a ocidental, explorando temáticas contrastantes, como a dinâmica entre aldeia e cidade, a interação entre memória e história, o diálogo entre oralidade/grafismos e escrita alfabética, bem como as relações entre indígenas, o homem branco e os caboclos.



Por meio de sua poética, a autora destaca e evidencia a rica cultura do povo Omágua/Kambebe a partir da contraposição ao olhar eurocêntrico predominante, proporcionando uma narrativa alternativa sobre a história indígena. Essa abordagem é permeada pela subjetividade artística da escritora e pela história e memória cultural de seu povo, oferecendo uma perspectiva instigante para a compreensão das experiências indígenas.

Nesse contexto, o presente estudo visa aprofundar a análise de um poema da escritora, denominado “Mulher Indígena e Resistência”, contido na obra *De almas e águas kunhãs* (2023). Pretende-se investigar a conexão estabelecida pela autora com o “eu-lírico-político”, (Dorrico, 2017) e *escrevivência* (Evaristo, 2020) para compreender como ela contribui para a resistência contra o silenciamento histórico das mulheres indígenas.

Por essa perspectiva, utilizar o conceito de *escrevivência* procura trazer as vivências da população indígena para compor uma narrativa que valorize suas subjetividades e apresente as suas percepções no processo de construção literária. Diferente de muitos livros presentes no cânone nacional, as obras que utilizam a *escrevivência* não sexualizam a mulher, não apresentam o homem negro (e indígena) como agressivo e nem generalizam suas existências. Nessas histórias, ainda que as feridas do racismo estejam presentes, o amor pode ser vivenciado, as famílias são unidas e a memória ancestral é valorizada (Evaristo, 2020).

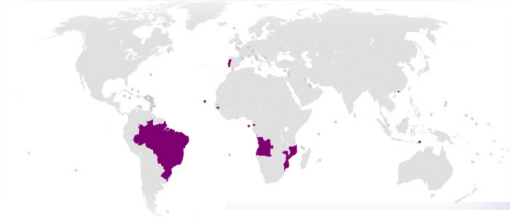
MULHER INDÍGENA E RESISTÊNCIA

Vivi um tempo bom
Sem preconceito, do meu jeito
Nesse tempo não tinha a bala da opressão,
Minha nudez não causava vergonha
Tinha paz no meu lugar
O meu ser feminino
Sabia lutar e apaziguar

A natureza era respeitada
Em mim se fazia morada
Todos os espíritos de proteção
Não se falava em espada
E nada se sabia
Sobre a cruz da evangelização

O feminino sagrado do meu corpo/território
Nunca havia sentido a dor da violação
No ritual se pedia providência
Para a mulher ter boa gestação

Mas veio um período de dor
Conheci o invasor



E a violência da colonização
Tirou a paz do meu povo
Buscavam por um mundo novo
Nos deram doença e crueldade
E hoje, para resistir, preciso criar raiz
Na aldeia e na cidade

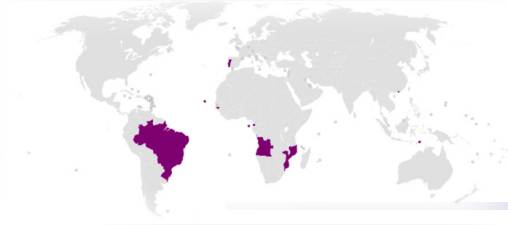
Já nas primeiras linhas, o poema versa em um movimento cíclico entre o “mundo íntimo” do eu-lírico ao mesmo tempo que declara a voz da coletividade. Aplicando o conceito de Truduá Dorrico (2017) sobre o “eu-nós lírico-político”, o poema revela a complexa interação entre o indivíduo e a coletividade, ultrapassando as fronteiras convencionais da autoria. A voz poética no poema de Kambeba não é apenas uma expressão do “eu”, mas uma representação dessa experiência indígena, amalgamando o eu e o nós em um diálogo constante.

Pode-se evidenciar este elo nas expressões como “Vivi um tempo bom”, “do meu jeito”, “minha nudez”, “no meu lugar”, “o meu ser feminino” com a imponente representação de sua coletividade em “Tirou a paz do meu povo/Buscavam por um mundo novo/Nos deram doença e crueldade”. Sendo assim, é possível fazer conexões do poema com as experiências de Evaristo (2020) pois em ambos os casos se vê o trabalho com a linguagem que se aproxima da oralidade para dialogar com o leitor; o uso de palavras cotidianas; o tempo cíclico, pois passado e presente se entrelaçam, e a narrativa que fala das experiências do indivíduo ao mesmo tempo em que se confunde com as vivências do coletivo. Para Evaristo, a linguagem literária é “fruto da subjetividade, que é formada na vivência, na experiência de várias condições” (2020, p.36).

Além disso, Kambeba utiliza a escrevivência para contar a história das mulheres indígenas utilizando suas próprias experiências e perspectivas. A narrativa poética traz a evocação nostálgica de um tempo passado de harmonia e paz, cuja nudez não era motivo de vergonha e o feminino sagrado era respeitado - “Minha nudez não causava vergonha”. Essa descrição idílica contrasta com o período de dor e violência trazido pela colonização (Quijano, 1992), simbolizado pela chegada do invasor e a imposição de doenças e crueldade aos povos indígenas.

Assim, a escrevivência destaca a importância da escrita como uma ferramenta de expressão e resistência para os grupos historicamente marginalizados, como as mulheres indígenas. Essa abordagem reconhece que a escrita não é apenas um ato de contar histórias, mas também uma forma de afirmar identidades e narrativas que foram silenciadas (Evaristo, 2020).

Outros elementos literários podem ser percebidos na alternância despretensiosa dos pronomes possessivos para confirmar essa complementaridade performática da identidade indígena de Márcia Kambeba. Ela se apropria das memórias de seu povo,



representadas por elementos como “natureza”, “espíritos de proteção”, “corpo/território” e “no ritual” e revela que em suas coletividades os indígenas encontram forças para resistir aos desafios históricos, políticos, sociais e culturais que enfrentam ao interagir com os “outros”, pertencentes a sistemas etnocêntricos e legitimadores.

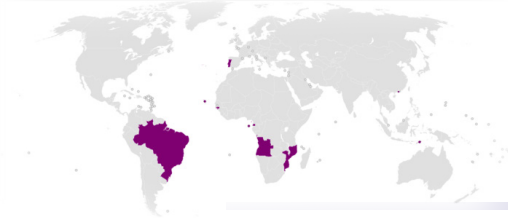
Pode-se afirmar que Márcia Kambeba encontra uma força de resistência ao permitir que sua voz poética ecoe, a voz de uma mulher que, deslocada de seu espaço originário e vivendo no ambiente urbano (“E hoje, para resistir, preciso criar raiz/ Na aldeia e na cidade”), se reconstrói constantemente com o contato das culturas não indígenas. Ela carrega consigo a força das identidades e memórias ancestrais de seu povo. Essa perspectiva sugere que “o índio e/ou a índia, onde quer que vá, leva dentro de si a aldeia” (Graúna, 2013, p. 59).

Para refletir sobre os impactos sobre as mulheres indígenas diante da colonização e da opressão, destacando sua resiliência e luta pela preservação de sua identidade e cultura, na primeira estrofe, é apresentado um olhar nostálgico para um passado em que a vida das mulheres indígenas era marcada pela paz, harmonia com a natureza e respeito ao feminino sagrado. Expressões como “um tempo bom”, “sem preconceito” / “não tinha a bala da opressão” / “minha nudez não causava vergonha” e “tinha paz no meu lugar” evocam essa época de tranquilidade e autonomia.

Esse período anterior à colonização é descrito como caracterizado pela ausência de preconceitos em relação à nudez e à identidade feminina, além do respeito à natureza e aos rituais sagrados que celebravam a vida e a fertilidade. Essa imagem idealizada do passado serve como contraste com o período de dor e violência trazido pela colonização e pela imposição de valores e crenças estrangeiras.

A transição para a segunda parte do poema marca o início da ruptura desse período de tranquilidade e autonomia, com a chegada do invasor e a imposição da colonização. Nos versos “Mas veio um período de dor/Conheci o invasor/E a violência da colonização/Tirou a paz do meu povo”, a poeta descreve a violência e a opressão que acompanharam esse processo histórico, evidenciando a perda da paz e da liberdade anteriormente desfrutadas.

A referência à necessidade de criar raízes tanto na aldeia quanto na cidade (E hoje, para resistir, preciso criar raiz/Na aldeia e na cidade) para resistir aos desafios atuais, destaca a adaptabilidade e a determinação das mulheres indígenas em preservar sua identidade e cultura, mesmo diante das pressões da modernidade e da assimilação cultural. Essa afirmação ressalta a importância da conexão com a terra e com as raízes culturais como fonte de força e resistência na luta pela sobrevivência e pelo reconhecimento de seus direitos.



Nesta última estrofe, o eu-lírico reflete sobre o impacto desse encontro violento com o colonizador e a necessidade de resistência e preservação da identidade indígena. Aqui, a conexão com o conceito de “eu-nós lírico-político” (Dorrigo, 2017) se intensifica, pois a poeta não apenas narra suas próprias experiências, como também as insere em um contexto coletivo de luta e resistência (“Tirou a paz do meu povo”). Sua escrita se torna uma ferramenta importante para expressar a voz de seu povo desafiando estereótipos, rompendo com narrativas hegemônicas e reafirmando a autonomia e vitalidade das culturas indígenas.

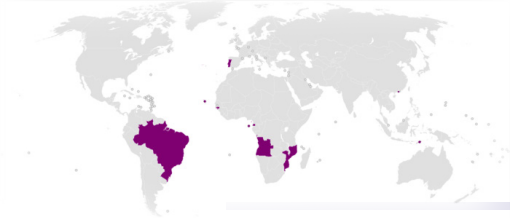
Em suma, o poema “Mulher Indígena e Resistência” é uma expressão poética que ressalta a resiliência e a luta das mulheres indígenas diante da colonização e da opressão, destacando sua busca por paz, dignidade e justiça em meio aos desafios contemporâneos.

3 SONY FERSECK: VOZES INVISÍVEIS EM POESIA

Conhecida pelo pseudônimo de Sony Ferseck, Sonyellen Fonseca Ferreira é natural de Belém do Pará mas cresceu em Boa Vista, Roraima, onde se formou em Letras pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Também conhecida como Wei Paasi, em makuxi, sua jornada de reencontro com suas raízes indígenas começou durante sua graduação em Letras na Universidade Federal de Roraima, quando se dedicou a conhecer mais profundamente os povos indígenas de sua região.

Para Sony Ferseck, sua conexão com a ancestralidade vai além de uma mera identificação simbólica. Ela se reconhece como neta de Wei, a Sol, uma figura feminina profundamente ligada à cosmologia Makuxi. Wei é aquela que deu forma à mãe primordial a partir do barro e que, no ventre escuro da terra, fermenta a macaxeira — alimento essencial que nutre e sustenta todos os parentes. Ao atribuir a Wei um gênero feminino, Ferseck destaca o caráter gerador e nutridor dessa entidade solar, vinculando-a à força criadora e ao papel central da mulher na manutenção da vida e da cultura (Graúna, 2021). Essa ancestralidade, portanto, não é apenas espiritual, mas também política e poética, refletida em sua escrita que entrelaça memória, território e resistência. Essa ligação profunda com suas origens se reflete em sua escrita e em seu trabalho editorial. Em 2019, juntamente com Devair Fiorotti, fundou a Wei Editora, com o objetivo de financiar e publicar obras de artistas indígenas.

Como autora, Sony Ferseck lançou seu primeiro livro de poesia, “Pouco Verbo”, em 2013, seguido por “Movejo” em 2020, ambos pela Wei Editora. Sua escrita é um testemunho do reencontro constante com suas raízes, uma celebração da cultura e da espiritualidade indígena que ecoa nas páginas de suas obras.



O poema “Nós mulheres invisíveis”, que inaugura o livro “Movejo” (2020) é uma ode às mulheres indígenas, uma poética que revela suas lutas, suas dores e sua resiliência diante das adversidades impostas pela sociedade. Cada aspecto do poema é cuidadosamente elaborado para transmitir as complexidades das vidas das mulheres indígenas e a luta que enfrentam em uma sociedade que frequentemente as marginaliza.

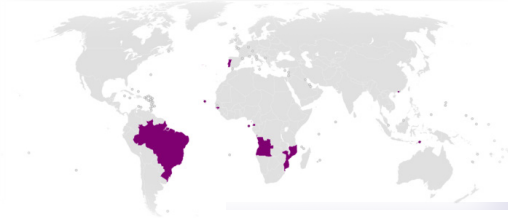
Nós mulheres invisíveis
aprendemos pela casa
a linguagem dos cômodos
apertando entre os dentes
nosso silêncio de sangue
empurrado pelos quartos
como os filhos que teremos
& que nos odiarão pelo espelho
(mas ainda assim o espelho virá)

nós mulheres domésticas
desaprendemos do nosso antigo nome
que antes dizia bicho rio sol beija-flor
pra virar água de batismo-catequese-castigo
rima qualquer entre o som & o desprezo
que não grita mais a palavra deus
(mas ainda assim dito)

nós mulheres silenciosas
muito menos parecidas com as outras
vivas ou mortas
guardamos entre as pedras os ossos
dos homens que jamais nos predisseram
assim como a eles
só nos restam cantigas rupestres
incrustadas nos ermos de não ir
(mas que ainda assim iremos)

que não se enganem
toda aquela que faz silêncio
guarda o intocável
assim permanecemos
tecendo a vida como a
fibra de um ornamento
uma língua de fumaça
que só diz palavras de cura
afiando a lâmina pela terra
em luta
nós mulheres infinitas.

Para estabelecer a voz coletiva das mulheres indígenas, o poema já inicia com “nós mulheres invisíveis”, a partir desta introdução, o poema explora as experiências



compartilhadas de silêncio, dor e resistência. Cada estrofe é marcada por uma repetição do pronome “nós” que reforça a identidade coletiva e a solidariedade entre as mulheres indígenas. Esta abordagem, conforme descrito por Dorrico (2017), amplia a expressão singular e aproxima o eu e o nós em um diálogo contínuo, representando a complexidade da experiência indígena feminina.

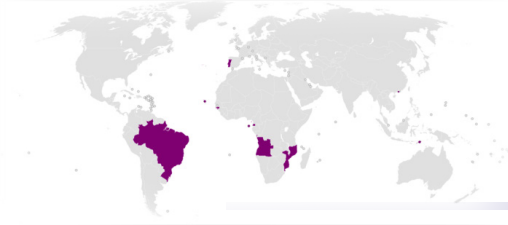
As mulheres domésticas são retratadas como tendo desaprendido seus nomes ancestrais, que antes estavam conectados à natureza e à vida originária. Agora, elas são batizadas, catequizadas e castigadas, perdendo sua conexão com suas raízes e tradições - “desaprendemos do nosso antigo nome/que antes dizia bicho rio sol beija-flor/pra virar água de batismo-catequese-castigo”- A referência à palavra “deus” destaca a imposição do cristianismo e a pressão para a perda da espiritualidade indígena - “rima qualquer entre o som & o desprezo/que não grita mais a palavra deus/(mas ainda assim dito)”.

A segunda estrofe enfatiza as “escrivências” das mulheres indígenas, destacando sua singularidade dentro da coletividade - “nós mulheres silenciosas/muito menos parecidas com as outras/vivas ou mortas”. Isso sugere uma resistência à assimilação e uma afirmação da identidade indígena única de cada mulher. As imagens evocativas e a linguagem poética utilizadas por Ferseck criam uma narrativa poética que ressoa com a experiência vivida das mulheres indígenas, oferecendo uma visão autêntica e pessoal de suas vidas (Evaristo, 2020).

A referência aos “ossos dos homens que jamais nos predisseram” destaca a violência e a exploração que as mulheres indígenas enfrentam nas mãos dos homens colonizadores. No entanto, elas também são retratadas como guardiãs da memória e da história de seu povo, preservando suas tradições e resistindo à assimilação cultural (Kambebe, 2023).

A terceira estrofe destaca a importância do silêncio como forma de resistência e preservação da identidade indígena - “toda aquela que faz silêncio/guarda o intocável/ assim permanecemos”. Pode-se inferir que o silêncio das mulheres indígenas é uma forma de proteção e preservação de sua cultura e identidade em um mundo que tenta apagá-las. A referência à “tecendo a vida como a/fibra de um ornamento/uma língua de fumaça/ que só diz palavras de cura” destaca a resiliência e a criatividade das mulheres indígenas na face da adversidade. Elas são retratadas como curadoras e guardiãs de sua cultura, utilizando suas habilidades e conhecimentos tradicionais para resistir à colonização e promover a cura e o bem-estar de seu povo (Graúna, 2013).

O poema termina com uma afirmação prestigiosa da identidade e da resiliência das mulheres indígenas - “nós mulheres infinitas.” Isso sugere que, apesar das tentativas de silenciamento e opressão, as mulheres indígenas são inquebráveis e inextinguíveis, continuando a lutar e resistir em face da adversidade (Graúna, 2013). A referência às



“mulheres infinitas” destaca a diversidade e a força das mulheres indígenas, que são uma fonte de inspiração e esperança para seu povo e para os não indígenas (Kambeba, 2023).

Portanto, o poema “Nós mulheres invisíveis” de Sony Ferseck é uma potente expressão da experiência das mulheres indígenas no Brasil, destacando sua luta e resistência contra a colonização, a opressão e a invisibilidade. Mediante imagens vívidas e uma linguagem evocativa, o poema retrata a resiliência, a criatividade e a força das mulheres indígenas, que continuam a resistir e a lutar por justiça, igualdade e dignidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os poemas de Sony Ferseck e Márcia Kambeba proporcionam uma visão profunda e sensível da experiência das mulheres indígenas contemporâneas. Ao destacar a resiliência, força e capacidade de transformação dessas mulheres, as autoras contribuem de maneira significativa para a literatura indígena, fornecendo um olhar autêntico e íntimo sobre as vidas e desafios enfrentados por suas comunidades. Suas obras são um testemunho da importância de dar voz e visibilidade a essas experiências na literatura indígena, e chamam à ação em prol da justiça e igualdade para as mulheres indígenas.

Em conjunto, os resultados desta pesquisa revelam a vitalidade e a complexidade da literatura indígena contemporânea, oferecendo uma visão importante das experiências e desafios enfrentados pelos povos originários. A necessidade urgente de reconhecimento, valorização e preservação dessas narrativas emerge como um chamado à ação não apenas na esfera acadêmica, mas também em todas as esferas da sociedade. A literatura indígena é, portanto, não apenas um registro cultural, mas uma voz viva e poderosa que ecoa através do tempo, exigindo seu lugar de destaque no cenário literário nacional e internacional.

REFERÊNCIAS

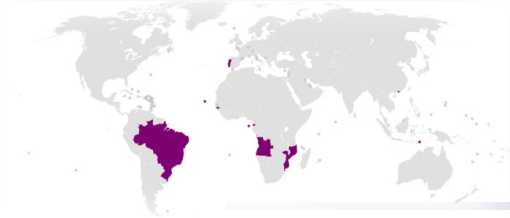
BANIWA, Gersem Luciano. Antropologia colonial no caminho da antropologia indígena. **Novos Olhares Sociais**, v. 2, n. 1, p. 22-40, 2019.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. Indígenas em movimento. Literatura como ativismo. **Remate de Males**, v. 38, n. 2, p. 919-959, 2018.

DORRICO, Julie. **A oralidade no impresso: o’eu-nós lírico-político’** da literatura indígena contemporânea. Boitatá, v. 12, n. 24, p. 216-233, 2017.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, v. 1, p. 26-46, 2020.

FERSECK, Sony. **Movejo** / Sony Ferseck. Boa Vista, Wei Editora, 2020.



FIGUEIREDO, Eurídice. **Eliane Potiguara e Daniel Munduruku: por uma cosmovisão ameríndia.** Estudos de literatura brasileira contemporânea, p. 291-304, 2018.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil.** 1. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

GRAÚNA, Graça. A poesia macuxi de Sony Ferseck. Blog Graça Graúna, 21 maio 2021. Disponível em: <https://gracagrauna.com/2021/05/21/a-poesia-macuxi-de-sony-ferseck/>. Acesso em: 11 abr. 2025.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **De almas e águas kunhãs/ Márcia Wayna Kambeba-1 ed.**—São Paulo: Editora Jandaíra, 2023.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990).** São Paulo: Paulinas, 2012.

MUNDURUKU, DANIEL. **Escrita indígena: registro, oralidade e literatura** O reencontro da memória. In: Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad y modernidad/racionalidad.** Perú indígena, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.